



notícia

Lisboa em azulejo antes do terramoto de 1755

A investigação científica produzida nas universidades encontra-se hoje mais disponível para todos, ao contrário do que acontecia em tempos passados. O saber parecia então confinado às quatro paredes das faculdades e bibliotecas de livros e revistas especializadas, sem

muitas vezes ver a luz do dia ou sair da sombra das cátedras. Na procura contínua de inverter esta tendência e mercê não só da implementação da política de acesso aberto e livre de encargos levada a cabo pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, mas também das potencialidades das novas tecnologias e da comunicação em rede, nos últimos anos tornou-se mais fácil a leitura de tais valiosos contributos nas





mais diversas áreas científicas, tendo em vista a formação de uma sociedade inclusiva, inovadora e conhecedora da sua memória e identidade.

O projecto de investigação “Lisboa em azulejo antes do terramoto de 1755” (<http://lisboaemazulejo.fcs.unl.pt>), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, insere-se precisamente neste contexto de divulgação da ciência através do estudo da herança cultural da cidade, que em parte desapareceu com o terrível sismo nos meados do século XVIII. Partindo do “Grande panorama de Lisboa”, painel azulejar de cerca de vinte e dois metros à guarda do Museu Nacional do Azulejo, mas outrora pertencente ao Palácio Ferreira de Macedo, junto de Santiago à Sé, uma equipa de investigadores, sediada no Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, procurou reconstituir a história dos cerca de cento e cinquenta edifícios que se podem identificar numa observação cuida-

da do magnífico conjunto de azulejos. Entre igrejas, ermidas, conventos, palácios, quintas, fortes, baluartes, pontes e chafarizes uma parte significativa do património de Lisboa foi analisada e investigada, tomando por base a extensa bibliografia já existente sobre o assunto e vários documentos inéditos pertencentes aos mais diversos arquivos públicos e também particulares, que ajudaram a esclarecer muitas das dúvidas que se levantam quando encetamos uma investigação sobre o passado da nossa capital.

A georreferenciação de cada um dos testemunhos arquitectónicos e a reprodução virtual do grande painel de azulejos, associando-se as notícias históricas às representações dos monumentos nele figurados, permitem-nos navegar no Tejo, desde Algés até Xabregas, sem sair de casa. A atribuição autoral deste painel de azulejos ao pintor espanhol Gabriel del Barco (act. 1669-1701), muitas vezes questionada, também é reforçada neste projecto de investigação.

Os resultados laboratoriais obtidos pelas análises efectuadas às amostras do “Grande panorama de Lisboa”, asseguradas por investigadoras da Faculdade de Ciências e do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, numa frutífera colaboração interdisciplinar entre Humanidades e Ciências Exactas, demonstraram uma afinidade impressionante entre a composição da pasta cerâmica de que é feito o painel e outras peças procedentes da oficina do pintor que se encontram assinadas.

A equipa base deste projecto incluía doze membros de vários centros de investigação, mas rapidamente cresceu. No final, reunia mais de trinta pessoas, fora a centena de colaboradores, entre os quais José Meco, historiador maior da azulejaria portuguesa. O projecto contou com o apoio de várias instituições, de que destacamos a Câmara Municipal de Lisboa, o Museu de Lisboa – Palácio Pimenta, a Fundação Calouste Gulbenkian, entre outras. ●

Pedro Flor

Projecto Revive: Salvaguardar e reutilizar patrimónios

O Programa *Revive – Reabilitação, Património e Turismo*, definido e implementado pelo Turismo de Portugal e Direcção-Geral do Tesouro e das Finanças tem como principal objectivo lançar no mercado, através de concessões de longa duração, um conjunto heterogé-

neo de mais de trinta imóveis do Estado, actualmente sem utilização. Visa-se assim a requalificação e refuncionalização de cada um dos imóveis, respeitando o essencial dos seus valores arquitectónicos, culturais e paisagísticos, associando-os às dinâmicas da economia e da sociedade, com especial enfoque no sector do turismo. Para o efeito, cada um dos edifícios é objecto de levantamento arquitectónico actualizado, que o Turismo de Portugal promove em estreita colaboração com a Direcção Geral do Património Cultural (DGPC)

que, caso a caso, enuncia as exigências e os constrangimentos da salvaguarda patrimonial. O Instituto de História da Arte é parceiro deste programa desde 2017, assumindo a responsabilidade de realizar, para cada um dos edifícios ou suas sobrevivências (é o caso dos fortes do Algarve), monografias histórico-artísticas. Os seus autores utilizam as fontes disponíveis e apoiam-se nos levantamentos topográficos e arquitectónicos realizados pelo Turismo de Portugal e pela DGPC. Coordenadas, desde 2017, por Raquel Henriques da Silva, as



Paço Real de Caxias



Castelo de Portalegre



Coudelaria de Alter

Fotografias de Margarida Elias, 2017/2018.



Santuário do Cabo Espichel



Convento de Santa Clara-a-Nova, Coimbra



Convento dos Capuchos, Leiria



Conventinho do Paço de Valverde, Évora.



Paço de Valverde, Évora

Fotografias de Margarida Elias, 2017/2018.



Convento de São Francisco, Portalegre

diversas monografias têm sido maioritariamente escritas por Margarida Elias e Daniela Simões, a que se juntaram, Marco Sousa Santos e Carlos Caetano para os antigos fortes que integram o programa.

Os trinta e três edifícios que foram objecto da realização de monografias distribuem-se ao longo de todo o território nacional. Têm diferentes cronologias, tipologias estilísticas e arquitectónicas, e grande acumulação de História. Integram conjuntos classificados, como Monumentos Nacionais ou Imóveis de Interesse Público. Na sua maioria foram mosteiros e conventos que, após a extinção das ordens religiosas, em 1834, conheceram ocupações diversas e em alguns casos foram bastante transformados. Citamos, por exemplo, Sanfins de Friestas, Lorvão, Santa Clara-a-Nova de Coimbra, o Quartel da Graça de Lisboa ou o Convento de Valverde, em Évora. Outra tipologia, com algum volume, é a dos castelos e fortes, entre os quais, por exemplo, o Castelo de Portalegre, o Forte da Ínsua e o Forte

do Rato. Acrescentam-se três palácios, de Manique do Intendente, das Obras Novas e o Paço Real de Caxias ou ainda a Coudelaria de Alter e o Colégio de São Fiel.

A importância deste projecto no domínio da História da Arte e da Salvaguarda do Património com diversos níveis de classificação, deve ser realçada, especialmente no que se refere a componentes menos nobres de cada um dos edifícios, profundamente alteradas e, por vezes, em estado de ruína ou abandono. A sua menor importância arquitectónica ou artística torna a investigação mais árdua e inconclusiva, mas abre pistas para eventuais reavaliações. Refira-se também a dinâmica criada entre as diversas instituições envolvidas, traduzida, positivamente, no reconhecimento da importância da investigação histórico-artística para a definição de novas vidas de edifícios que, antes, muitas outras conheceram, de acordo com a síntese proposta pelo ICOMOS: «O património não se limita a um tempo, nem passado nem futuro.

Usamos o património de ontem para construirmos o património de amanhã, porque a cultura é, por natureza, dinâmica e está em constante renovação e enriquecimento»*. ●

Margarida Elias
Raquel Henriques da Silva

* ICOMOS-Canada French-Speaking Committee. 1982. *Charter for the Preservation of Quebec's Heritage* (Deschambault Declaration) – “Definition of Heritage and Preservation” [trad.], citado por Helena Barranha. 2016. *Património cultural: conceitos e critérios fundamentais*, Lisboa: IST Press – ICOMOS-Portugal, p. 26.